

## CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais apresentadas neste capítulo, não tem por objetivo servir como conclusões fechadas e incontestáveis; ao contrário, é um processo de continuidade para que outros profissionais a partir desse trabalho efetivem na sua prática ou refutem a construção desta proposta teórica-metodológica que embasou o nosso trabalho de pesquisa.

Sendo que alguns indicadores serão colocados como resultado do entendimento da dimensão pedagógica do museu a partir do seu interior, enquanto instituição educativa, tendo a historicidade do objeto museal como substrato de análise.

Neste sentido, a dimensão pedagógica do museu estará definida em todo o fazer museológico, entendendo esse fazer como um conjunto de ações que visam a explicação do objeto enquanto produtor de conhecimento numa sala de exposição. Resultando no abandono dos esquemas lineares de interpretação do Museu tradicional, apresentando múltiplas possibilidades de interpretação, o que exigiria do sujeito visitante a necessidade de captar a informação que estão explicitados nas relações onde o objeto está imerso, ao tempo em que, elabore a sua própria interpretação da realidade.

Um segundo ponto, refere-se a questão que a historicidade enquanto método é aplicada a qualquer ação museológica, visto que, o nosso trabalho foi desenvolvido com um objeto de um museu tradicional, isto significa que a concepção de museu tradicional está levando a uma estagnação e fragmentação do fazer museológico, do entendimento de objeto museal, resumindo, da função social e educativa desta instituição.

Associado a esta questão é importante esclarecer que a documentação foi tomada enquanto ação que desenvolve pesquisas - leia-se coleta de dados - sobre o objeto, não era objetivo deste trabalho

apresentar as melhores técnicas da ação documental, mas analisar suas formas e como impedem a produção de conhecimento, como também, esta ação isolada não será alavanca para as mudanças estruturais do Museu, se não partir de uma concepção de Museu na sua totalidade do fazer museológico.

Como também a partir deste trabalho pode-se inferir que:

- a) As redes de relações serão definidoras do discurso museológico - exposição - e, os objetos a serem expostos estarão explicitando essas relações;
- b) Nesta concepção o objeto pode ou não estar exposto, isto porque, estará explicitado nas relações em que está imerso;
- c) O objeto, nesta abordagem, passa do conceito de documento para ser entendido como produtor de conhecimento, não visto apenas pelas suas qualidades físicas e materiais - objeto em si;
- d) Assim, a dimensão pedagógica do museu deverá ser gestada no seu interior, através de todo o fazer museológico, buscando sua função educativa;
- e) O que demonstra também que a ação documental não pode ser encarada como uma técnica que coleta dados para o preenchimento de fichas no interior do Museu.

Assim, entender a dimensão pedagógica do museu somente através de trabalhos educativos com escolas, significa que para um público visitante que não esteja engajado nesses programas o museu conseqüentemente, não é educativo, devido a forma como está sendo concebida a sua função educativa - informante de determinados objetos que estão preservados para a posteridade.

O Museu do século passado representa um conceito num determinado momento histórico, em que esta instituição partiu para

evoluir com o homem, vê-lo estagnado é estar museificado junto com este conceito tradicional do modelo europeu do século passado.

**BIBLIOGRAFIA GERAL****Livros, Artigos e Comunicações**

- ALENCAR, Vera. Museu-educação: se faz caminho ao andar... Rio de Janeiro: Mestrado em Educação/PUC, 1987. (Dissertação).
- ALTHUSSER, Louis, BADIOU, Alain. Materialismo histórico e materialismo dialético. Trad. Elisabete dos Santos. 2.ed. São Paulo: Global, 1986.
- ANDERY, Maria Amália et al Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro/São Paulo: Espaço e Tempo/EDUC, 1988.
- ANDRADE, Mário de. Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936 - 1945. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Pró-Memória, 1981.
- ARRUDA, José J. de Andrade. História antiga e medieval. 3.ed. São Paulo: Ática, 1979.
- BARROS, Sigrid Porto. O museu e a criança. Revista do Ensino, Porto Alegre, v.12. n.94. p.48-50, 1963.
- BELLAIGNE, Matilde. O desafio museológico. In: FORUM DE MUSEOLOGIA DO NORDESTE, 5, nov. 1992, Salvador, (mimeo.).
- BRANCANTE, Eldino da Fonseca. O Brasil e a cerâmica antiga. São Paulo, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura na rua. Campinas: Papyrus, 1989.
- BRAUDEL, Fernand. Gramática das civilizações. Trad. Antonio Danese. São Paulo: Martins Fontes, 1989 (O Homem e a História).

- BURNS, Edward Menall. História da civilização ocidental. 2.ed., Rio de Janeiro: Globo, 1970.
- CAMARGO-MORO, Fernanda de. Museus: aquisição-documentação. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1986.
- CAMPANELLA, Tommaso. A cidade do sol. Trad. Aristides Lobo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990 (Universidade de Bolso).
- CANCLINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, [s.d.].
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma introdução à história. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. O tempo das ciências naturais e o tempo da história. Ensaio Racionalista. Rio de Janeiro, p.25-39, 1988.
- \_\_\_\_\_, BRIGNOLI, Hector Perez. Métodos da história trad. João Maia. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- CARVALHO, Ione. Museus didáticos comunitários: fortalecimento da identidade cultural e sua função social hoje. [s.p.] (mimeo.).
- CASTRO, Astréa de Moraes et al. Arquivística arquivologia: arqui-vística = técnica, arquivologia = ciência. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.
- CHAGAS, Mário de Souza. A Dimensão pedagógica do museu: ser ou não ser, eis a questão. Boletim Programa Nacional de Museus n.6. MINC, 1985.
- \_\_\_\_\_. Preservação do patrimônio cultural: educação e museu. Cadernos Museológicos, n.5, 1989.
- \_\_\_\_\_. Un novo (velho) conceito de museu. Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v.1, p.183-192, jul/dez, 1985.
- COELHO Neto, José Teixeira. O que é ação cultural. São Paulo: Brasiliense. (Primeiros Passos).
- \_\_\_\_\_. Usos da cultura: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

- COGGIOLA, Osvaldo. A revolução chinesa. São Paulo: Moderna, 1985.
- DESVALLÉES, André. A museologia e os museus: mudanças de conceitos. Cadernos Museológicos. [s.d.],
- ECO, Humberto. Arte e beleza na estética medieval. Trad. Mário Sabino Filho. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
- EGOROV, A. et al. Estética marxista e atualidade. Lisboa: Prelo, 1975.
- ENGELS, F. Do socialismo utópico ao socialismo científico. 9.ed. São Paulo: Global, 1988.
- FEIJÓ, Martin César. O que é política cultural. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Primeiros Passos, 107)
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: FORUM DE MUSEOLOGIA DO NORDESTE, 4, out. 1991, Recife. (mimeo.).
- FERRO, Marc. A história vigiada. Trad. Doris Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989 (O homem e a História).
- FINLEY, Moses. O uso e abuso da história. Trad. Marylene Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (O Homem e a História)
- FRANCO Júnior, Hilário. A idade média: nascimento do ocidente. 4. ed., São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GIRAUDY, Daniele e BOUILHET, Henri. O Museu e a vida. Rio de Janeiro. F.N.Pró-Memória, 1990.
- GLÉNISSON, Jean. Iniciação aos estudos históricos. 2.ed. São Paulo: DIFEL/Difusão, 1977.
- GUARNIERI, Waldisa Russio. Museu, museologia, museólogos e formação profissional. Revista de Museologia, São Paulo, v.1, n.1, p.7-11, [s.d.].

- \_\_\_\_\_. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. Cadernos Museológicos, n.3, 1990.
- HOBSBAWM, Eric. J. A era das revoluções: Europa 1789-1848. Trad. Maria Teresa Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- HOEBEL, Adamson, FROST, Everett. Antropologia cultural e social. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 1991.
- HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HUNT, Lynn. A nova história cultural. Trad. Jefferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1990 (O Homem e a História).
- JORDÃO, Vera Pacheco. O ensino artístico e o museu de arte didacta. Educação, v.3, n.9, p.33-40, jul/set, 1973.
- LEGOFF, Jacques. A nova história. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LEITE, José Roberto Teixeira. As companhias das Índias e a
- LEMONS, Carlos. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Passos).
- \_\_\_\_\_. História da casa brasileira. São Paulo: Contexto, 1989.
- LEON, Aurora. El museo: teoría, praxis y utopia. Madrid: Cátedra S.A., 1978.
- LUCKESI, Cipriano e PASSOS, Elizete Silva (orgs.) Introdução à filosofia. Salvador: Centro Editorial e Didático/UFBA, 1992.
- MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. Trad. Maria Paula Duarte. São Paulo: Editorial Estampa, [s.d.].
- MAYRAND, Pierre. La proclamación de la nueva museología. Museum. Paris/Unesco. n.148/185, 1985.

- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Para que serve o museu histórico. Revista Museu Paulista. São Paulo: USP, 1991.
- MENSCH, Peter. Museus em movimento: uma estimulante visão dinâmica sobre inter-relação museologia-museus. Cadernos Museológicos, n.1, 1987.
- MESGRAVIS. O Brasil nos primeiros séculos. São Paulo: Contexto, 1989.
- MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira (1933-1974). 5.ed. São Paulo: Ática, 1985 (Ensaio, 30).
- PRADO, Heloísa de Almeida. A técnica de arquivar. 5.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- PILEGGI, Aristides. A cerâmica no Brasil e no mundo. São Paulo: Livraria Martins, 1958.
- RIBEIRO, Berta G. Museu: veículo comunicador e pedagógico. Revis-ta Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.66, n.152, p. 77-98, 1985.
- RIVIÈRE, George Henri. Imagens del ecomuseo. Museum. Paris/Unesco. n.148/185, 1985.
- RODRIGUES, José Honório. História, corpo do tempo. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1984 (Debates, 121).
- ROJAS, Roberto et al. Os Museus do mundo. Rio de Janeiro: Salvat, 1987.
- SANTANA, Gilka. História dos museus. (Tradução Enciclopédia Britânica), [s.d.]. (mimeo.).
- SANTIAGO, Theo et al. Do feudalismo ao capitalismo: um discurso histórico. 3.ed. rev. São Paulo: Contexto, 1988.
- SANTOS, Maria Célia T. Ação cultural e educativa dos museus. Universitas: Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. Salvador, n.21, p. 163-169, set. 1978.

- \_\_\_\_\_. Museu/escola: uma experiência de integração. Salvador: Mestrado em Educação/UFBa, 1981 (Dissertação).
- \_\_\_\_\_. Museu, escola e comunidade: uma integração necessária. Salvador: Bureau, 1987.
- \_\_\_\_\_. A escola e o museu no Brasil: uma história de confirmação dos interesses da classe dominante. [s.l.], 1989. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. Repensando a ação cultural dos museus. Salvador: CED/UFBa, 1990.
- \_\_\_\_\_. Documentação museológica, educação e cidadania. In: FORUM DE MUSEOLOGIA DO NORDESTE, 4, out. 1991, Recife. (mimeo.).
- SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Primeiros Passos, 110).
- SÃO PAULO. Secretaria de Estado e Cultura. Sistema de Museus do Estado. Manual de orientação museológica e museográfica. 2.ed. São Paulo: 1987.
- SCHAFF, Adam. História e verdade. Trad. Maria Paula Duarte. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- SERPA, Luis Felipe. Cultura e meio ambiente. [s.l.], [s.d.], (mimeo.).
- \_\_\_\_\_. A produção científica, seus aspectos interdisciplinares e multidisciplinares. In: FORUM DE MUSEOLOGIA DO NORDESTE, 5, nov. 1992, Salvador. (mimeo.).
- \_\_\_\_\_. Ciência e historicidade. Salvador: Ed. do Autor/Multi-graf, 1992.
- SERRA, Ordep José Trindade. O simbolismo da cultura. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBa, 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. O renascimento. 4.ed. Campinas: Atual, 1986. (Discutindo a História).
- SOLA, Tomislav. Identidade: reflexões sobre um problema crucial para os museus. Cadernos Museológicos, n.1, 1986.

\_\_\_\_\_. Educação para a comunicação. ICOM/NEWS. v.40, n.3/4, p. 1-10, 1989.

SOUZA, Wladimir Alves de et al. Aspectos da arte brasileira. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

STALIN, J. Materialismo dialético e materialismo histórico. Trad. Olinto Beckerman. 3.ed. São Paulo: GLobal, 1985.

STRANSKY, Zbynekz. Política de aquisição e adaptação às necessidades de amanhã. Cadernos Museológicos, n.2, 1989.

SUANO, Marlene. O que é museu. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Primeiros Passos, 182).

UNESCO-ICOM, Ética de aquisições. Revista ICOM, [s.l.].mar. 1972.

VARINE, Hughes. O tempo social. Trad. e coord. Fernanda Camargo Moro e Lourdes Novaes. Rio de Janeiro: Eça, 1987.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da práxis. Trad. Luiz F. Cardoso. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VOVELLE, Michel. Ideologias e mentalidades. Trad. Maria Júlia Cottvesser. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

### **Periódicos**

CADERNOS MUSEOLÓGICOS. Rio de Janeiro, n. 1-2-3. 1989/1990.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### DEFINIÇÕES DE TERMOS BÁSICOS RELATIVOS À DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

- Aquisição: Objeto adquirido por um museu para completar sua coleção permanente. Formas de aquisição: compra, doação, troca e coleta.
- Arquivo de aquisição: Composto por Fichas de Aquisição, onde cada ficha corresponde a um objeto permanente do museu.
- Arquivo de Doação: Arquivo composto por Fichas de Doação.
- Arquivo de Doadores: Arquivo composto de Fichas contendo informações sobre os doadores.
- Arquivo Morto: Arquivo fora de uso, substituído por outro, com sistema e informações diferentes. Deve ser guardado, pois suas informações servem como fonte de consulta.
- Arrolamento: Listagem da relação de objetos que compõem a coleção de um museu.
- Artefato: Objeto criado ou moldado pelo trabalho do homem, ou objeto natural selecionado deliberadamente e usado pelo ser humano.
- Cancelamento: Processo de remoção de um objeto da coleção do museu, de forma permanente, por causa justificada segundo parecer de uma Comissão de Cancelamento.
- Catalogação: (1) ato de classificar os objetos de uma coleção de forma metódica, inserindo-os dentro de uma ou mais categorias de um sistema de classificação organizado (atribuição do museólogo).
- (2) processo de compilar um catálogo, ou criar entradas para a inserção num catálogo.

- Catálogo: (1) arquivo composto de Fichas de Catalogação (pode conter uma ou mais de uma ficha relativa a cada objeto pertencente a coleção permanente do museu).
- (2) publicação contendo listagem e descrição de objetos que compõem exposição especial ou uma coleção.
- Cessão de Empréstimo: Ato de ceder um objeto para integrar a coleção de um museu, por tempo determinado, durante o qual o museu passa a ser responsável por este objeto.
- Catálogo Descritivo: Formado por fichas analíticas individuais de cada objeto.
- Catálogo Comentado: É o catálogo descritivo enriquecido com informações mais completas, contendo comentários sobre cada objeto, enriquecido com fotografias.
- Classe: Característica comum que reúne objetos possuidores de uma mesma estrutura básica. Por exemplo em História Natural, grupo de animais ou plantas possuidores de estrutura básica comum.
- Classificação das Coleções: Estabelecimento das principais categorias das coleções e inserção dos objetos nestas categorias.
- Coleção: Uma parte do acervo do museu, que reúne objetos de características comuns.
- Coleções: Objetos coletados por um museu adquiridos ou preservados como exemplares por seu valor potencial, como material de referência, ou como objetos de importância estética, histórica, social, científica ou educativa.
- Coleção Permanente: Composta de objetos adquiridos de forma permanente e que constituem o acervo fixo do museu.
- Comissão de Cancelamento: Grupo de técnicos que delibera sobre a necessidade de cancelamento de um objeto da coleção de um museu, de forma permanente, por razão justificada.

- Comissão de Entrada: Grupo de técnicos que examina as possibilidades de aceitação ou recusa das propostas de compras e de doações de objetos para integrar a coleção do museu.
- Carta de Doação: Documento de doação de um objeto para o museu.
- Condição: (1) estado físico de um objeto.
- (2) item de um contrato, estipulação.
- Conservação: Ciência para exame e tratamento dos objetos do museu e para estudo do meio-ambiente no qual os objetos estão colocados.
- Contrato de Doação: Documento de transferência da doação, de um objeto para integrar a coleção do museu. As cláusulas deste contrato estipulam itens de interesse do doador que devem ser estabelecidos de comum acordo com o museu, sendo respeitadas igualmente as condições ditadas pelos objetivos deste último.
- Depósito: (1) Nome dado aos objetos incorporados à coleção de um museu sob forma de depósito. Este depósito deverá ser por tempo determinado, estabelecido de acordo com um "termo de depósito ou de empréstimo" (ver empréstimo).
- Depósito: (2) Local ou área para guardar objetos de um museu que não estejam em exposição.
- Depósito Temporário: Objeto colocado em custódia num museu por tempo determinado.
- Doação: (1) Objeto doado.
- Doação: (2) Transferência de posse de um objeto ou objetos de um doador (instituição ou pessoa física) para o museu através de um contrato de doação e/ou carta de doação.
- Descrição: Informações básicas, utilizando linguagem sucinta, servindo para identificar e descrever um objeto.

- Empréstimo: Objeto emprestado ao museu para fazer parte por tempo determinado da coleção do museu. Durante este período o museu será responsável por sua conservação.
- Empréstimo Temporário: Objeto emprestado ao museu temporariamente.
- Espécime: Sinônimo de objeto de museu quando possui conotação de exemplar ou amostra; item representativo de uma classe de objetos.
- Ficha Básica de Inventário: Contém informações mais completas sobre cada objeto da coleção de museu; utiliza linguagem sucinta e prepara informações para futuros programas de documentação através da computação, bem como facilita intercruzamento de informações. Estas fichas são ordenadas por ordem numérica, de acordo com o número de registro. Formam o Arquivo de Fichas de Inventário do museu. Devem ser elaboradas em três vias.
- Ficha de Aquisição: Ficha de Inventário contendo as primeiras informações sobre o objeto que dá entrada as coleções do museu. Estas fichas são ordenadas em ordem numérica de acordo com o número de inventário.
- Ficha de Catalogação: Contém informações extensivas sobre cada objeto da coleção do museu. Devem ser elaboradas em número de três e arquivadas em forma de catálogo da coleção ou em outros tipos de arquivos dependendo das necessidades do museu.
- Ficha de Classificação: Contém as principais categorias sobre cada objeto.
- Ficha de Doador: Contém informações sobre o doador do objeto. A reunião destas fichas formam o Arquivo de Doadores do museu, que deverá seguir arrumação por ordem alfabética.

- Ficha de Entrada: Ficha inicial de um objeto, feita por ocasião de sua entrada no museu. Serve para identificar o objeto e como base para informações da Ficha de Catalogação.
- Ficha de Localização: Ficha ou item de uma ficha relacionada com a localização exata e corrente de todos os objetos pertencentes à coleção do museu, ou daqueles pelos quais o museu assumiu responsabilidade. Quando reunidas formam o Fichário de Localização do museu.
- Ficha Remissiva: Contém informações que possibilitam o inter cruzamento em publicações, como por exemplo em catálogo para determinada exposição ou coleção.
- Fotografia para Inventário ou Catalogação: Utilizada para fins de identificação, colocadas nas Fichas Básicas de Inventário, ou nas Ficha de Catalogação; denomina-se também fotografia descritiva.
- Inventário Museológico ou de Registro: Sistema que permite identificar de forma permanente os objetos que fazem parte do acervo permanente ou temporário de um museu.
- Histórico do Objeto: Referências históricas com relação ao objeto.
- Livro Diário: Contém notas informais tomadas por ocasião da entrada de um objeto para coleção do museu. Serve como elemento de preparação das fichas.
- Livro de Tombo: Livro de registro contendo ítems de identificação e de descrição sucinto sobre cada objeto em particular.
- Marcação: Sistema utilizado para marcar o número de inventário sobre os objetos respeitando sempre o tipo de material de que é feito o objeto.
- Matéria Prima: Material utilizado na fabricação de um objeto.
- Medidas: Item de grande importância para a identificação de objeto.

- Largura: Medida tomada de um extremo ao outro de um objeto, perpendicular à espessura e à altura.
- Altura: Medida tomada a partir da parte de baixo até a parte de cima de objeto, perpendicular à largura e à espessura.
- Diâmetro: Medida tomada com relação a uma linha reta que passa através de um círculo, esfera, deve ser tomada de um lado a outro, perpendicular a altura.
- Número de Aquisição ou Número de Entrada: Em alguns museus é o número dado a um objeto quando este dá entrada na coleção do museu, denomina-se também número de Inventário.
- Número de Empréstimo: Número de controle para a identificação dos objetos em empréstimo num museu. Muitas vezes os números para os empréstimos temporários são diferentes dos empréstimos feitos por períodos indeterminados.
- Número de Inventário ou de Registro: Número único, referente a um objeto pertencente a coleção de um museu. Denomina-se também número de identificação, segue o sistema de numeração adotada pelo museu.
- Número para Objetos em Depósito: Número de controle para a identificação do objeto ou grupo de objetos, oriundos de uma mesma fonte e depositados em custódia num museu.
- Outros Números: Entende-se por outro tipo de numeração adotado pelo museu para identificação e/ou classificação de objetos.
- Procedência: Com relação aos objetos históricos e artísticos relaciona-se à informação sobre o passado ou a história dos donos destes objetos. Para coleções antropológicas define a localização geográfica da origem dos objetos, da fabricação, da distribuição e da utilização. Para coleções científicas o termo refere-se ao local de origem do ponto de vista geográfico.

- Reserva Técnica: Local destinado para guarda de objetos que não estejam em exposição. Deve obedecer a uma arrumação sistemática e requer cuidados especiais quanto a umidade relativa e a iluminação visando a conservação dos objetos.
- Termo de Cessão de Empréstimo: Documento preparado pela instituição ou museu que empresta um objeto, enviado ao empréstador, contendo condições e respectivas responsabilidades de ambas as partes.

### FONTES BIBLIOGRÁFICAS.

1. DUDLEY, Dorothy H. and WILKINSON, Irma Bezold et al. Museum registration methods.
2. MORO, Fernanda de Camargo. Glossário de termos para ficha básica de inventário museológico.
3. WERSIG, Gernot and NEVELING, Ulrich. Terminology of documentation.
4. ICOM - CIDOG. Nouvelles de terminologia Museologique. v.1 - 2.

